



INIC
INSTITUTO INTEGRAL DA CONSCIÊNCIA DE ENSINO DE
EXTENSÃO

GIUSEPPINA FRANCO

**BUSCA INTERIOR EM PSICOLOGIA E RELIGIÃO
ATRAVÉS DA CONSCIÊNCIA**

ATIBAIA - SÃO PAULO

2.009

GIUSEPPINA FRANCO

**BUSCA INTERIOR EM PSICOLOGIA E RELIGIÃO
ATRAVÉS DA CONSCIÊNCIA**

Monografia apresentada ao Instituto Integral da Consciência – INIC como requisito para conclusão de Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Consciência.

Orientador(a) Prof. Dra. Monica Borine

ATIBAIA - SÃO PAULO

2.009

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus professores e colegas deste curso, pela presença em minha luta e conquistas; por se fazerem sempre presentes de um jeito certo e na hora certa.

RESUMO

O objetivo deste trabalho de conclusão do curso de Pós Graduação em Psicologia de Consciência consiste numa reflexão sobre "A Busca interior em Psicologia e Religião através da Consciência". É feita uma reflexão sobre o relacionamento humano e a conexão interior, para após focar a vida interior. A conclusão é feita com a restituição da alma a si mesma e com a expectativa de "ver aparecer uma geração de religiosos capazes de entender, novamente, a linguagem da alma".

Palavras-chaves: psicologia, religião, consciência, psicologia da consciência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 ENCONTROS HUMANOS E CONEXÃO INTERIOR	3
1.2 VIDA INTERIOR: O INCONSCIENTE ENQUANTO EXPERIÊNCIA	7
2. CONCLUSÃO	19
3. REFERÊNCIAS	20

1. INTRODUÇÃO

São muitas as origens desta reflexão.

Nos últimos anos, através de meu trabalho de atendimento e de amigos, entre religiosos de várias denominações, estive cada vez mais em contato com problemas de religião e psicologia.

O núcleo desta apresentação consiste de conferências proferidas a religiosos que trabalham em aconselhamento psicológico e pastoral.

Surgiram muitas questões devido ao debate causado por uma teologia, transformada em teotanatologia (estudo de um Deus "morto") desmitologizadora da religião, pois a psicologia analítica encaminha-se para um efeito exatamente contrário a isso.

Ela se orienta no sentido de "remitologizar" experiências que possam conter envoltimentos religiosos.

Que poderia a psique nos dizer quanto aos rumos que a religião estaria tomando atualmente?

A preocupação central desta reflexão é mostrar a percepção da experiência analítica em sua relevância dentro do aconselhamento.

Este depende tanto da psicologia quanto da teologia do terapeuta.

O trabalho, ao invés de tentar atingir a sofisticação clínica, pode agir de modo mais amplo e profundo, atingindo a busca da alma e a capacidade de crer em sua realidade, o que significa encontrar uma relação viva com nossa realidade psicológica individual.

Embora a falta de saúde mental seja menor que a de orientação espiritual, a pessoa acaba procurando no psicólogo o que deveria estar recebendo do religioso, sendo agora tão grande a confusão, que esses dois orientadores parecem ter trocado suas funções entre si.

O religioso deixou de assumir o modelo de pastor de almas por sentir-se como um "psicólogo amador que não tinha psicologia suficiente".

Entretanto ele tem a sua própria psique, de onde lhe vem a vocação e a compreensão dos outros.

Não seria o psicólogo amador (definido, com muita propriedade, como aquele que cultiva a alma com amor) em certo sentido o verdadeiro especialista psicológico?

Para ele, a psicopatologia clínica diz muito menos que sua busca interior individual.

Pelo seu enfoque esta reflexão se dirige ao religioso, já que a experiência viva da realidade psíquica é apenas mais uma maneira de conceber a alma, e a vida de um responsável por almas tem, por sua vocação, que enfrentar diariamente as provações próprias de sua atividade.

Por isso a reflexão ao longo desta apresentação é endereçada especialmente aos religiosos, embora não lhes seja restrita, uma vez que a psicologia e a religião não interessam apenas aos teólogos ou psicólogos profissionais.

A substituição gradual da "alma" pela "psique", verificada durante o século XX, e o conseqüente profissionalismo no tratamento dos seus problemas, começam a causar tanto dano quanto os causados pela ignorância e moralismo com relação à psique no século XIX.

Se a psique não substitui a alma, o profissionalismo não substitui a vocação.

Eis o porquê do desejo que esta reflexão ajude a nos livrarmos do profissionalismo em relação à alma no sentido de devolvermos o seu cuidado ao religioso, ou a qualquer um que tenha abertura e que caminhe nas fronteiras da busca interior contemporânea.

1.1 ENCONTROS HUMANOS E CONEXÃO INTERIOR

Estar num mundo humano é viver num mundo de seres humanos, o que ocupa nossa vida a nos comprometer, incessantemente, numa teia de conexões humanas.

Isso não se dá só porque o ser humano engloba também um animal social, mas porque sua natureza humana implica uma vida de "sentimentos" e de "encontros com os outros".

O trabalho, a natureza e as idéias podem nos absorver por um momento, mas logo estamos de volta, mergulhados na "vida real" – e a vida real significa simplesmente o ser humano, nós mesmos e os demais.

O que acontece em nossa vida é, de forma mais acentuada, o que ocorre no relacionamento com outras pessoas e, é onde nos sentimos responsáveis.

Tudo seria diferente se tivéssemos entendido melhor as coisas, se tivéssemos consciência e conhecido psicologia mais a fundo.

O psicólogo e o religioso são chamados a intervir quando os relacionamentos humanos se tornam destrutivos e insuportáveis.

O nosso trabalho parece começar a partir das sombras que caem entre as pessoas. Somos tomados como especialistas em problemas humanos.

Entretanto, esses problemas não são uma coisa que as pessoas têm, mas o que elas são.

Em psicologia, o problema é o próprio indivíduo, assim como eu sou o meu próprio problema.

O trabalho psicológico tem muito mais a ver com o interior de cada um do que propriamente com o relacionamento entre pessoas.

Conseqüentemente, se quisermos alguma melhora em nosso trabalho, seremos forçados a olhar para dentro de nós mesmos.

A psicologia não pode evitar o fato de iniciar-se a partir do interior, inclusive do próprio psicólogo. Minhas necessidades nunca se ausentam.

Minhas necessidades não são somente minhas; em nível mais profundo, elas pertencem, refletem e falam de uma situação que também corresponde à necessidade do outro.

Assim como quem me procura vem em busca de ajuda, eu preciso dele para expressar minha capacidade de ajudar.

Aquele que auxilia e o que necessita, caminham sempre juntos.

Entretanto fomos educados para negar as nossas necessidades.

Necessitar significa ser dependente e fraco, implica submissão a outrem.

Entretanto, devemos notar que necessidade e vocação diferem muito pouco entre si.

O chamado ou vocação tende muito mais a ser experimentado como coisa vinda de fora da personalidade, enquanto a necessidade é mais encarada como coisa vinda de dentro.

Seria muito perigoso negar a existência de uma vocação, pois isto equivaleria à negação da essência de uma pessoa que, na verdade, é transpessoal.

Mas não seria igualmente perigoso negar uma necessidade?

A necessidade nos faz humanos; se não precisássemos uns dos outros, se não pudéssemos preencher e satisfazer nossas carências, não haveria sociedade humana.

Embora eu não consiga responder aos meus próprios desejos, sou capaz de responder aos seus.

Embora eu não consiga me compreender, posso auxiliá-lo a compreender-se, e você pode fazer o mesmo comigo.

Essa reciprocidade torna possível usufruir e doar-se, mutuamente, no amor.

A necessidade não é prejudicial em si mesma.

Mas, quando não é reconhecida ela trabalha traiçoeiramente sob a forma de exigências.

Um terapeuta pode ter necessidade de instruir, ensinar e educar, pois isso preenche uma dimensão que lhe é essencial e que transforma sua vocação específica em ação.

Mesmo assim, ele não pode exigir que cada pessoa, a cada encontro, o procure apenas em busca de orientação.

Exigências pedem satisfação, necessidades precisam apenas de expressão.

Num encontro terapêutico o outro poderá servir a qualquer necessidade.

É por isso que a sua terapia começa com a minha, com o despertar da minha consciência para as várias imagens arquetípicas que me rondam e tentam encaixar o outro num papel ao qual ele talvez não esteja destinado.

Pois se eu for o pai ele terá de ser meu filho; se eu tiver de curar, ele terá de estar doente; e, se por acaso, eu for iluminado, só poderei entendê-lo como alguém perdido na escuridão.

Quanto menos eu for consciente dessas necessidades pessoais, tanto mais os arquétipos aparecerão sob forma direta e impessoal.

Ninguém pode controlar a psique e manter tudo isso fora de ação, mas o que se pode é conhecer um pouco melhor esses elementos, mantendo-os do lado humano ao admitirmos desde o início as necessidades de nossa equação pessoal.

Isto às vezes pode significar que devamos admitir tais fatos à outra pessoa, ajudando assim a manter o lado humano do relacionamento.

O principal impedimento de conhecer o outro é exatamente o desejo de conhecê-lo.

E é nesse ponto que minhas necessidades vêm em meu auxílio.

Se, a necessidade de ser orientador encontra-se genuinamente enraizada em meu ser como uma vocação ou chamado para ser o que sou, constituindo parte da realização da minha própria personalidade, posso expressar essa necessidade de completar-me sem exercer pressões sobre o domínio do outro, mesmo que essa pressão seja profissional.

Minhas perguntas não serão causadas pela curiosidade.

Ao contrário, elas serão parte de minha interrogação sobre a natureza humana, na qual estou incluído.

Perguntas desse tipo não têm respostas, mas evocam correspondência.

E essa correspondência é um movimento espontâneo partindo dos dois em direção à essência do assunto a que se lançam.

O encontro humano depende de uma conexão interior.

Para estar em contato com você, é necessário que eu esteja em contato comigo mesmo.

É evidente que a ligação entre as pessoas só acontece quando conversando e estabelecendo relações interpessoais compartilhamos o que somos.

Deve-se pensar que duas pessoas ligadas interiormente também estão comungando entre si.

Comunhão não é apenas comunicação.

A ligação mais interior é o contato que duas pessoas têm a partir de dentro de sua profundidade individual.

A base da existência em um nível profundo é o apoio universal de cada um, ao qual todos encontram acesso pela conexão interior.

Encontramo-nos um ao outro tanto ao refletirmos o inconsciente coletivo quanto ao expressarmos exteriormente nossa comunicação pessoal.

A cada momento, alguma necessidade comum da alma humana está sendo expressa e as minhas e as suas necessidades refletem-se e se encontram sem nenhuma troca ruidosa em nível pessoal.

Assim, atuam como fatores de cura por nos conduzirem para além da comunicação e das comiserações pessoais em direção ao acontecimento significativo.

Uma comunhão desse tipo difere de comunicação na mesma medida em que a intimidade difere de comunidade.

Pela intimidade torno-me íntimo de mim mesmo em primeiro lugar, permitindo-me sentir o que realmente sinto.

Por meio da conexão interior, posso experimentar vergonha, sofrimento, bem como novos prazeres.

É por meio dessa revelação que posso chegar a conhecer-me.

A comunidade pode brotar dessa intimidade e conhecimento, e é comum ver-se os orientadores expandirem-se os seus relacionamentos em grupos e em amizades.

Mas o núcleo de tudo será sempre a intimidade que foi desenvolvida.

Enquanto primeiro nível do trabalho de aconselhamento, o encontro humano leva à conexão interior do orientador à do orientado.

O que por sua vez faz parte do problema geral que vem a ser a "coisa interior", ou seja, a natureza do inconsciente.

1.2 VIDA INTERIOR: O INCONSCIENTE ENQUANTO EXPERIÊNCIA

O lugar que a psicologia e a religião têm em comum é a alma; porém a alma é um "não lugar", pois não é considerada preocupação principal nem pela religião nem pela psicologia.

Uma estuda Deus e suas intenções e a outra estuda o homem e tudo aquilo que o induz a sentir, expressar-se e agir como o faz.

O espaço onde tradicionalmente se espera que Deus e o homem possam se encontrar acabou sendo terra de ninguém.

Ao falar do encontro de Deus com o homem dentro da alma, refiro-me à imagem que a psique tem de Deus, à imagem de Deus enquanto coisa conhecida experimentada, sentida, intuída, representada ou formulada por uma pessoa.

Esse Deus é inicialmente uma experiência e, só a seguir, um conceito.

Essa imagem ou experiência não é a única e nem sempre a mesma.

Ela sofre transformações ao longo da vida de qualquer indivíduo, diferindo ainda, largamente, de uma pessoa para outra.

As variedades de experiências do divino levam a comparações psicológicas que, por sua vez, podem levantar protestos dos religiosos quanto à autenticidade ou distorção de certas imagens.

Às vezes a experiência não existe ou, então, é uma abstração conceitual ou, ainda, o divino é deslocado para imagens e experiências que via de regra não são consideradas sagradas.

Com freqüência, e isto tem interesse psicológico considerável, o grau de perturbação psicológica de uma pessoa é o fator determinante da distorção ou deslocação correspondente da imagem de Deus.

Conseqüentemente, a experiência e também a imagem de Deus aparecem ao psicólogo como continuando a revelar-se dentro e através da alma, sem nenhuma limitação e para além dos confinamentos de qualquer dogma.

Tais imagens e experiências são representações coletivas compartilhadas pela mente de todos nós na sociedade em que vivemos.

Por estranho que pareça, "alma" é uma experiência e imagem ainda difícil de esclarecer.

Enquanto terminologia aconteceu-lhe tudo, até quase desaparecer da psicologia contemporânea.

Em *Suicide and the Soul*, de James Hillman, há uma ampliação desse termo.

“A primeira coisa que o paciente procura no analista é fazê-lo consciente de tudo o que o faz sofrer, levando-o ao seu mundo de experiências”.

Experiência e sofrimento são palavras de há muito associadas à alma.

'Alma', entretanto, não é uma palavra científica, sendo hoje em dia muito raramente utilizada em psicologia...

As palavras 'alma' e 'psique' podem ser utilizadas alternadamente, embora a tendência seja escapar à ambigüidade da palavra 'alma', recorrendo-se a 'psique' por ser mais moderna e biológica.

'Psique' é empregada como um fato natural concomitante à vida física, sendo, talvez, a ela redutível.

'Alma' por outro lado apresenta sobre tons românticos metafísicos, compartilhando suas fronteiras com a religião...

A exploração da palavra mostra não estar tratando de alguma coisa que possa definir, e na verdade a alma não é um conceito, mas um símbolo.

Os símbolos, como sabemos, não estão totalmente sob nosso controle e, conseqüentemente, não conseguimos usar a palavra de maneira não ambígua, mesmo ao empregá-la com referência àquele fator humano desconhecido que torna possível a

existência de um sentido, que transforma acontecimentos em experiências e que se comunica através do amor.

Alma é um conceito deliberadamente ambíguo, que resiste a toda e qualquer definição exatamente como acontece com todos os símbolos básicos..."

Pode-se adicionar a isso mais um atributo qualificativo de alma: "ela torna possível a existência de um sentido, transforma acontecimentos em experiências, comunica-se através do amor e *tem uma implicação ou interesse religioso*".

A análise psicológica profunda conduz à alma e esta, por sua vez, envolve, inevitavelmente, a análise com a religião, visto que a religião, vivida como experiência, nasce da psique humana, sendo por causa disso, um fenômeno psicológico.

Os antropólogos descrevem uma condição que é denominada "perda da alma" pelos povos primitivos.

Quando isso acontece, a pessoa fica fora de si, incapaz de encontrar tanto a conexão interior consigo própria quanto a exterior com a humanidade.

Ela não consegue mais fazer parte da sociedade, nem participar dos rituais e das tradições. As coisas estão mortas para ela.

Desaparecem as vinculações com a família, os deuses e a natureza.

Ela não será mais um verdadeiro ser humano até conseguir recuperar a alma.

É como se nunca tivesse chegado a existir.

Pode ser que, também, a alma não esteja perdida, mas, possuída ou mesmo enfeitiçada.

E, então, ela perde o senso de pertencer e de estar em comunhão com os poderes e com os deuses.

Nada disso a atinge mais e ela já não consegue rezar, nem fazer os sacrifícios, nem dançar.

O seu mito pessoal e a ligação com o mito maior de seu povo, enquanto razão de ser encontram-se perdidos.

Entretanto, o que ela tem não é uma doença e, também, não está fora de seu juízo.

Essa pessoa simplesmente perdeu a alma.

Tornou-se solitária...

Não é necessário traçar outros paralelos com o nosso tempo...

Apesar dos sistemas elaborados, cheios de dinheiro e de sofisticação da pesquisa médica e da propaganda das indústrias de saúde, no sentido de provar que o real é o físico e que a perda da alma é apenas elaboração mental, o "primitivo" continua falando alto e forte: podemos perder e realmente perdemos a alma.

Jung dizia que cada um de nós é "o homem moderno em busca de sua alma".

É por ela estar perdida ou, pelo menos, temporariamente desviada ou confusa, que os religiosos têm sido forçados, ao defrontarem-se com certos problemas, a baterem na porta do vizinho que surge como a coisa mais aproximada da alma: a mente.

E, assim, voltam-se para a psicologia clínica e acadêmica, para a psicodinâmica, a psicopatologia e a psiquiatria, tentando entender como é a mente e qual o seu funcionamento.

Isto leva os religiosos a encararem problemas da alma como esgotamentos nervosos, acreditando que a cura está na psicoterapia.

Mas, o domínio da mente (percepção, memória ou doenças mentais) forma território próprio, casa que já tem dono, pouco podendo dizer a respeito do que o religioso realmente deseja conhecer: a alma.

Todos nós somos afetados pela perda contemporânea da alma.

O religioso não é uma exceção.

Na verdade, hoje em dia, o problema de muitos religiosos é encontrar a conexão interior com a vocação e, depois, mantê-la viva.

A ligação profunda, em nível interior, parece estar truncada ou torcida e, naturalmente, o religioso busca, fora daí, a solução que parece funcionar tão bem para os outros, imitando e tomando-lhes emprestado os métodos.

Mas, a missão do religioso difere, fundamentalmente, da missão dos não-religiosos.

A sua tradição remonta a Jesus, que curava e cuidava das almas de muitas maneiras: pregando, andando por aí, fazendo visitas, contando histórias, tocando com a mão, orando, compartilhando, chorando, sofrendo – enfim, vivendo a plenitude de seu próprio destino e permanecendo fiel à sua vida.

Que o religioso siga a *imitatio Christi*.

Se a *imitatio Christi* é negligenciada, ela cai no inconsciente e trabalha por trás sob a forma de uma *identificatio Christi*.

Deparamo-nos aí com um religioso que, em nível consciente, segue a imitação de uma psicologia médica, sendo, porém, inconscientemente motivado pela imagem do Cristo.

Em situações como essa, o não religioso não sabe onde se colocar, sentindo-se a um só tempo doente e pecador.

A incumbência do religioso não é uma tarefa médica.

Ele não existe para curar, no sentido médico do termo.

Como um pastor que encaminha almas para Deus, sua missão central é a dedicação à alma, a começar pela sua própria.

Só aquele convicto dessa realidade poderá transmití-la aos outros.

Só quem foi envolvido pela realidade psíquica poderá captar os problemas da alma que surgem ao longo do caminho.

Nada, além dessa profunda convicção, poderá transmitir um senso de alma, visto que o problema da orientação religiosa de nossos dias começa com o religioso e o relacionamento com sua própria realidade de alma.

Muitos já perceberam isso.

O número de religiosos que já estiveram em análise está aumentando, bem como a pressão junto a companheiros de vocação no sentido de serem analisados ou de receberem algum "apoio psicológico".

Atualmente, e talvez isto sempre tenha acontecido com o religioso em luta com sua fé, verifica-se aquela perplexidade autêntica de quem busca manter-se em contato com a vocação.

Nunca o religioso foi tão verdadeiramente um membro do rebanho, como no momento em que as ovelhas se mostram tão perdidas quanto o pastor.

A teologia fragmentada e desvirtuada por uma crise de fé que já se prolonga há mais de cem anos está redescobrando a alma, tendo a psicologia dado uma grande força a esse processo de reconexão.

Qualquer problema contemporâneo pode também ser encontrado dentro das congregações: alcoolismo, homossexualidade, psicopatia, tendência suicida.

Nada mais há que consiga proteger o religioso de suas dúvidas corrosivas.

Não é mais possível ocultá-las.

Mas, é exatamente esse abalo de estruturas que o forçou à coragem de ser e de encontrar-se.

O verdadeiro encontro entre psicologia e religião não está no dogma, nos concílios ou na ação.

Ele está acontecendo na alma, na individualidade do religioso em luta com a vocação.

É difícil não se espantar com a seriedade dessa luta, cujo testemunho sugere um problema pessoal.

Algum fato, com características de importância histórica está se desenvolvendo na alma do religioso.

E é nesse ponto que a psicologia profunda se vincula à nova teologia.

Ao trabalho do psicólogo, como analista, concerne o domínio do espírito, do homem e do mito, do processo de individuação em seu desenvolvimento histórico.

E o religioso se situa bem aqui.

Devido às reviravoltas ocorridas na teologia e em sua vida vocacional, o religioso se encontra, atualmente, muito mais aberto ao psicólogo.

A antiga figura do "homem/mulher de Deus" está sendo transformada pelas imagens do caldeirão de sua própria confusão interior.

Por continuar fiel aos problemas de sua alma ao longo de tantas dificuldades, não é a teologia que está se transformando, mas, sim, uma nova maneira de cuidar da alma é que está emergindo.

É esta a nova postura religiosa baseada no contato do religioso com sua interioridade.

Submeter-se às mudanças psicológicas que lhe acontecem interiormente é tarefa tão heróica quanto as campanhas da igreja contemporânea em ação.

A missão individual está sempre abalada por incertezas, o seu caminho se faz às escuras e a recompensa não aparece tão cedo.

Assim, o problema do reencontro da alma talvez seja, de novo, mais polêmico que qualquer outro.

O lugar de Deus, os significados do amor, o papel do religioso dentro da comunidade, e tudo o mais que nos possa ocorrer, serão aspectos dele derivados.

Quem perdeu sua alma, irá encontrar Deus em qualquer lugar; essa pessoa agarrar-se-á a qualquer vestígio de amor e, assim o fará, por encontrar-se à espera de um sinal.

Sem certo sentido de alma haverá, logicamente, enormes confusões de ordem moral, incertezas na ação e decisões que se apresentam perfeitas em nível racional, mas, não válidas, no enfoque psicológico.

Portanto, antes de a psicologia e a religião começarem a discutir sobre seus direitos à posse da alma, vamos primeiro, buscá-la juntos.

A deduzir das afirmações de certa teologia, a alma não se encontra nos Sacramentos, nem na Liturgia ou no Ritual.

Não é possível encontrá-la nas igrejas e nem nas sinagogas.

Estes locais transformaram-se em centros comunitários que captam quase todas as necessidades, menos as da alma.

Os lugares que tradicionalmente ocupava, pelo que afirma a mencionada teologia, estão desertos.

À medida, porém, que as igrejas iam ficando vazias, as clínicas começavam a ficar lotada e os psicólogos das profundezas – especialmente Jung – pareciam encontrar a alma e uma imagem viva de Deus em meio ao seu material de trabalho.

Assim, a teologia está se voltando para uma nova direção, onde já existe uma longa tradição religiosa.

Ela está se voltando para dentro e descendo ao "chão da existência".

Se é esta a nova orientação, então o primeiro lugar onde se deve começar a procurar é no inconsciente, já que sua localização fenomenológica é dentro da profundidade.

Talvez seja esse o caminho certo, e já existem outros que seguem por ele: a psicologia profunda, o existencialismo e a nova teologia sugerem que se desça.

Se descobrirmos ser a localização da alma – e da experiência de Deus – sombriamente interior e de sentido descendente, devemos estar preparados para uma viagem perigosa.

As posições inferiores (o escuro, o baixo e o profundo) são sinônimas do Diabo e de seu séquito de demônios.

Descer significa passar por um caminho que a tradição religiosa reconhece levar à confrontação com tudo aquilo que foi rebaixado ao longo de séculos: a matéria, a *physis*, a fêmea, o mal, o pecado, a parte inferior do corpo, a paixão.

Esta, evidentemente, é a orientação clássica do processo de análise: o retorno ao mundo das coisas reprimidas.

O caminho descendente pode ocasionar o "encontro com a base da existência".

Por essa razão, não conseguiremos chegar à alma e à experiência de Deus a não ser que o façamos via inconsciente, o que significa, nada mais nada menos, nos defrontarmos com pecados e males, e com o turbilhão de possibilidades que foram mantidas fora do alcance da civilização consciente.

O inconsciente é, portanto, a porta através da qual nós passamos para encontrar a alma.

Foi pelo inconsciente que muitas pessoas encontraram um caminho para o amor, a religião e adquiriram certo senso de alma.

Isto se confirma, repetidamente, na prática analítica.

Mas, se formos procurar a alma no inconsciente, primeiro será preciso encontrar o inconsciente.

Visto que encontrar significa reconhecer, precisaremos recorrer à simples base empírica de como é possível reconhecer a existência de uma "coisa" como essa.

Não devemos estabelecer a sua existência, nem tampouco a da alma, através de discussões, leituras ou qualquer outra prova direta.

Nós tropeçamos em sua realidade; quando menos se espera, tropeça-se na psique inconsciente.

As demonstrações clássicas do inconsciente são todas dessa espécie.

Ele não pode ser provado.

Assim, a prova do inconsciente tem que se dar sobre uma base de experiência; ele é uma dedução resultante da experiência viva.

Vejamos sete demonstrações clássicas de sua existência.

Vale a pena examinar esse terreno, pois tem-se feito uso tão intenso da palavra inconsciente em publicações que, às vezes, nos damos conta de uma pergunta no ar e sentimos terem os psicólogos inventado uma ficção.

Veremos que não se trata de uma ficção.

(1ª) O *esquecer e lembrar* mostra-nos que a mente pode esquecer determinada coisa, mas, não completamente.

O que a mente faz é guardá-la em algum lugar para depois trazê-la de volta.

(2ª) O *hábito* também é outra prova na qual esbarramos.

Caminhamos, fumamos ou usamos uma faca de cortar pão desempenhando essas funções em parte conscientes e em parte inconscientemente.

Só descobrimos até que ponto esses hábitos são inconscientes quando tropeçamos, quando cai a cinza do cigarro ou quando a faca falseia e nos damos conta do que estamos fazendo.

(3ª) *Atos falhos* demonstram melhor ainda que a personalidade do ego não pode controlar tudo e que, para nossa vergonha, podemos dizer uma palavra errada ou distorcê-la, dando-lhe um sentido completamente diferente.

(4ª) Ao entrar numa sala, vemos um indivíduo que tememos, alguém a quem devemos dinheiro ou uma pessoa com quem nos desentendemos; então, a nossa postura, atitudes e expressão facial mudam.

Acabamos bloqueando um nome, coramos ou trememos.

Dizemos coisas que não tínhamos a intenção de dizer, tudo isso acontecendo sem nossa mínima intenção consciente.

(5ª) Em sociedade, encontramos-nos freqüentemente à mercê do inconsciente, quando nos esforçamos para impressionar os outros, em nossas tentativas de distanciamento ou ao fazermos exigências tolas.

(6ª) Inclusive não precisamos sequer estar com outras pessoas para que o inconsciente se deixe perceber.

Esbarramos nele toda vez que um estado de ânimo nos domina.

E esses estados aparecem sem serem chamados.

Um sinal de que houve ativação do inconsciente são as mudanças e os altos e baixos dos estados de ânimo.

Não são apenas os repentes, os acessos de raiva, a irritabilidade e os estouros que nos permitimos frente aos outros (mas que não permitimos a eles), mas, também, os estados de ânimo regem as invasões mais profundas de mudanças de ritmo, de períodos de inflação de tristeza e apatia prolongada, de aborrecimento, tédio e melancolia.

E, quando tentamos diferenciar o conceito de ânimo e emoção do conceito de inconsciente, e ainda, do conceito de alma, deparamo-nos com grandes dificuldades, pois desde o mundo antigo essas noções sempre estiveram muito ligadas, como ainda estão.

Pesquisas quanto a localização da alma dentro do corpo sempre foram confundidas com a busca da sede das emoções.

Por que as emoções e a alma se encontram tão estreitamente ligadas?

Antes de qualquer coisa, porque a experiência da alma e a experiência das emoções são idênticas.

É pela emoção que temos o sentido de nossa própria pessoa.

Assim, o encontro da alma por meio do inconsciente também é mais uma descoberta na qual tropeçamos.

Caímos em emoções, humores, paixões e descobrimos uma nova dimensão que, por mais que tentemos fugir, acaba nos levando em direção ao mundo de nossas profundezas.

Quanto mais se penetra nesse mundo essencial de si mesmo, mais se sente que os problemas pessoais adquirem uma dimensão humana e que as verdades próprias de nossa individualidade se tornam universais, exatamente como as afirmações da teologia.

É como se a análise profunda conduzisse a um local estranho, onde se torna difícil distinguir o inconsciente da alma e da imagem de Deus.

É por essa razão que o analista acaba se envolvendo tanto com problemas de religião.

A alma e o inconsciente estão tão interligados, e os problemas da religião são tão vitais para a alma, que somos levados, queiramos ou não, a afirmações sobre Deus, simplesmente porque as descobertas mais desconcertantes a seu respeito acabam surgindo no desenrolar de uma análise.

Quando Jung alerta para o fato de a psique ter uma função religiosa natural, ele não está fazendo proselitismo a favor de uma religião natural ou de algum interesse religioso disfarçado.

A função religiosa natural é inerente ao processo da análise.

O modo peculiar que a análise tem de modificar uma pessoa e a evidência dessa mudança (cura) é surpreendentemente semelhante aos modelos da religião.

(7ª) Finalmente, o inconsciente transparece nos sintomas; não apenas sob a forma de sintomas psicológicos, mas, também, nos sintomas físicos, quando não existe causa de origem orgânica, nenhum traço ou razão lógica para eles.

Não é mais de causar surpresa que esses sintomas possam levar à descoberta da alma.

Se os sintomas conduzem à alma, a "cura" deles também pode "curá-la".

A reação a um sintoma poderia ser bem mais de boas-vindas do que de lamentações e pedidos de remédios, pois o sintoma é o primeiro escudo da psique que desperta, e que não quer mais tolerar nenhum abuso.

A psique reclama atenção por meio deles.

Atenção significa atender, tender para.

O que todo sintoma necessita é exatamente cuidado e atenção carinhosa.

E é essa mesma atitude que a alma precisa para ser sentida.

Não é de espantar que quase sempre seja necessário o surgimento de uma depressão ou doença verdadeira para alguém chegar, por exemplo, a relatar as experiências mais extraordinárias de um novo sentido de tempo, de paciência e de espera – em linguagem religiosa, de entrega e de encontro consigo mesmo.

Ao desenvolver-se a capacidade de experimentar e amar a vida como ela é, precisamos de menos acontecimentos porque temos mais experiências.

Esse crescimento é o crescimento da alma, ou seja: ela torna possível a existência de um sentido, transforma acontecimentos em experiências, comunica-se através do amor e tem uma implicação ou interesse religioso.

O interesse religioso difere do interesse teológico ou dogmático, pois toma as experiências já estabelecidas na vida mental, colocando a alma no centro da atenção.

O interesse religioso da psique surge através de motivos expressamente religiosos: a importância do amor, a luta contra o mal, a conversão ou cura milagrosa.

Ou, ainda, sob a forma de percepções referentes à eternidade, à imortalidade e ao julgamento da alma, o que é certo para ela, onde ela se encontra e para onde irá depois.

Em outras palavras, a preocupação religiosa torna-se uma manifestação espontânea de cada um de nós, quando a alma é reencontrada.

O dogma e a teologia também assumem significação nova, pois, de um lado, as interrogações e imagens da alma podem nutrir-se do acervo da religião tradicional e, de outro, um senso de experiência traz juventude à tradição, conferindo-lhe novos significados como prolongamento de uma religião que está se revelando continuamente.

Equivale dizer que a revelação cessa quando se perde a alma, e esta não pode mais oferecer experiência e significação aos mitos, símbolos, formas e provas básicas.

Para a psicologia, o que vem primeiro é a alma, depois a religião.

Mesmo assim, a alma não atinge a plenificação sem concretizar seu envolvimento religioso.

A atitude da psicologia que se origina na experiência da alma, leva ao sentido da presença oculta do divino, enquanto a fé em Deus conduz à visão simbólica da vida, na qual o mundo é pleno de significação e de "sinais".

É como se a alma não escolhesse entre a psicologia e religião porque uma conduz, naturalmente, à outra.

Até aqui, relembrei as sete demonstrações clássicas do inconsciente, para construir os embasamentos experimentais, empíricos ou fenomenológicos para o uso correto da palavra "inconsciente".

Evidentemente, pretendi fazer mais do que isso.

Quis deixar ver que, por meio do inconsciente, também nos deparamos com a alma.

Por ele emergem configurações e significados são descobertos; sente-se uma ligação viva com o passado – o passado individual, o da família e o do povo.

O mito peculiar à nossa individualidade funde-se às imagens míticas e simbólicas de toda a raça humana e, através da emoção, somos levados a experienciar que as coisas importam, e importam muito!

Então sentimos que toda escolha tem seu peso.

E o que fizermos de nós mesmos, de nossos corpos, "corações" e mentes, importará tanto que o meu valor e dignidade, e a importância de minha própria individualidade e pessoa, crescerão a cada novo embate com o inconsciente.

Em outras palavras, eu ganho alma ao vivenciar o inconsciente.

Principalmente por acolher o mundo interior, a alma ocupa mais espaço em minha vida, tendo mais peso em minhas decisões; ou seja, ela adquire mais realidade concreta.

Além do mundo conhecido de minha realidade mental (introspecções, fatos que me preocupam, planos, observações, projetos e pensamentos) e da realidade dos objetos à minha volta, poderá desenvolver-se um terceiro domínio que é uma espécie de inconsciente conscientizado.

Essa terceira realidade é de ordem psíquica, um mundo de experiências e emoções, um amplo espaço que se abre, livre e espontâneo – um domínio onde as significações preponderam.

Nesse estado de espírito podemos sentir a conexão conosco e com a natureza.

A redescoberta da alma através do inconsciente resulta num interesse ao mesmo tempo teológico e religioso.

O primeiro surge quando procuramos formular essa vida interior religiosa com todas as suas complexidades contraditórias e relacioná-las aos dogmas oficiais sobre a natureza de Deus.

O segundo aparece na presença redesperta do mito interior e de um sentido de destino – o sentimento de que, de alguma forma, estaríamos predestinados.

Estar destinado implica a existência de uma força transcendente que chama, escolhe ou expressa alguma coisa através de nós, uma força que dá significação.

A conexão interior com nossas vidas enquanto ritual, existente em nós como um símbolo da humanidade comum a todos os homens, remitologiza o curso dos acontecimentos.

A conexão interior também constrói a ponte de ligação com a interioridade de cada pessoa que venhamos a encontrar no aconselhamento.

O mundo interior do sonho, das emoções fortes e do sofrimento é sempre humano demais e tragicamente o mesmo para todos nós.

Isso não depende de nível educacional, de cor ou nação.

A morte, o ciúme, o pavor, o envelhecimento, o pecado e o remorso: todas as imagens e experiências de minha alma são as mesmas da tua alma.

Esse campo de realidade psíquica imanente a cada um transcende as diferenças individuais que existem entre nós, dando-nos uma linguagem comum baseada em nossos mesmos tipos de experiências.

Através do inconsciente nos reencontramos todos a experimentar a parte de imagens e emoções que nos foram dadas coletivamente.

Observações como estas, colhidas na prática, forçam-nos a concluir, quanto à teologia, o seguinte: o movimento no sentido de desmitologizar a religião, de ajustá-la aos nossos áridos esquemas racionais é, comprovadamente, equivocado.

Assim considerado, Deus está realmente morto.

O Deus morto é um Deus desmitologizado e desentranhado de emoções.

Ele é uma invenção mental sem realidade psíquica.

É possível que uma religião assim possa convencer a mente de um modo mais racional – embora eu também duvide disso.

Contudo, de qualquer forma, esta será uma religião que não conseguirá prender a alma, exatamente por abandonar o inconsciente, onde a alma habita.

Será necessário desmitologizar a religião para ir ao encontro da pessoa moderna?

Não poderíamos escolher a alternativa do envolvimento com o inconsciente e, a partir daí, religarmos a pessoa moderna aos seus mitos?

Talvez dessa maneira venhamos novamente a nos deparar com a alma e o seu interesse religioso natural.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência.

Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas, também o amor precisa da alma.

Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, como ela é.

Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor-próprio.

Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e para a realização de nossa totalidade.

Assim nossa vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente é a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a religião.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade.

É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar nossa alma.

Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente reflexão foi, precisamente, restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de religiosos capazes de entender, novamente, a linguagem da alma", como C. G. Jung o desejava.

4. REFERÊNCIAS

HILLMAN, JAMES. *Uma Busca Interior em Psicologia e Religião*. São Paulo: Paulus, 2.004. 140 p.

BARRETO, MARIBEL O. *O papel da Consciência em face dos desafios atuais da educação*. Salvador: Sathyarte, 2.005. 84p.

BORINE, MONICA. *Anotações de aulas*. Atibaia, 2.008.